

A modernidade e a sociedade de risco: o consumismo como fator de riscos ambientais

Matheus Milani

RESUMO

A modernidade enfrenta diversos riscos fabricados, criados pelo impacto do conhecimento humano e da tecnologia. Essa sociedade é descrita como uma “sociedade de risco”. O consumismo é um dos comportamentos da modernidade, que alguns sociólogos tratam como ideologia ou uma mentalidade moderna. Ocorre que o consumismo é um dos fatores que geram riscos ambientais, em razão da poluição e dos resíduos oriundos de sua produção e consumo. Dessa forma, é preciso repensar os atuais padrões de consumo e vislumbrá-los como desencadeadores de riscos à permanência da humanidade no planeta, devido ao grande impacto ambiental que causam.

Palavras-chave: Risco. Sociedade de Risco. Consumo. Consumismo. Riscos Ambientais.

Modernity and risk society: The consumerism as a factor of environmental risks

ABSTRACT

The modernity faces several manufactured risks, created by the impact of human knowledge and technology. This society is described as a “risk society”. Consumerism is one of the behaviors of modernity, which some sociologists treat as an ideology, or a modern mentality. The consumerism is one of the factors that generate environmental risks due to the pollution and waste from its production and consumption. Thus, it is necessary to rethink the current consumption patterns, and glimpse them as causes of risks to the permanence of humanity on the planet, because of the environmental impact they cause.

Keywords: Risk. Risk Society. Consumption. Consumerism. Environmental Risks.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade atual, como as demais sociedades humanas, é permeada de riscos. Porém, estes riscos não são riscos externos, oriundos do mundo natural e totalmente desvinculados da ação humana. Os riscos atuais são riscos fabricados, criados pelo impacto que o conhecimento humano e a tecnologia causam no meio ambiente.

Para tanto, na primeira seção do artigo analisar-se-ão os contornos da sociedade de risco, com as características que lhe são inerentes.

Matheus Milani é Mestrando em Direito na Universidade de Caxias do Sul – UCS. Servidor público federal, lotado no Campus de Feliz-RS do IFRS. Membro do grupo de pesquisa Metamorfose Jurídica, cadastrado no CNPq.

Direito e Democracia	Canoas	v.14	n.1	p.86-95	jan./jun. 2013
----------------------	--------	------	-----	---------	----------------

Na segunda seção será abordada a questão do consumismo como um comportamento vigente na sociedade. Será trabalhada a distinção existente entre o consumo, necessário e imperativo para a sobrevivência humana e desenvolvimento da sociedade, e consumismo que molda a atualidade e é visto pelos consumidores como um fim em si mesmo, sem maiores consequências.

Por fim, será entendido como o consumismo é um dos fatores de riscos ambientais, por acelerar e alimentar continuamente a cadeia produtiva iniciada na sociedade industrial moderna, explorando os recursos naturais para manter o processo produtivo, a poluição originada durante esse processo e, por fim, na saída do processo de produção com o acúmulo de resíduos.

2 SOCIEDADE DE RISCO

Segundo Beck,¹ na modernidade tardia, a produção social de riqueza é acompanhada pela produção social de riscos. Com isso, os problemas e conflitos surgidos a partir da produção, definição e distribuição dos riscos tecnológicos e científicos produzidos sobrepoem-se aos problemas e conflitos da sociedade de escassez. Assim, estamos avançando para uma “sociedade de risco mundial”, onde o principal aspecto de discussão na sociedade é a consciência do risco e a inevitabilidade deste.² Essa consciência e inevitabilidade do risco adquire um contorno global na medida em que é analisada a questão da degradação ambiental. Não importa o local onde a produção industrial e o consumo ocorram, suas consequências podem ser sentidas em locais muito distantes, pois a poluição não respeita as fronteiras, vez que, por mais rico ou desenvolvido que seja o Estado, não está imune à poluição industrial e à degradação ambiental, embora, pelo que se tem visto, as piores consequências ainda são sentidas nos Estados mais pobres.

A sociedade de risco difere da sociedade industrial, ou sociedade de classes dos séculos XIX e XX, pois esta sociedade baseia-se em torno da questão do conflito de interesses entre empregadores e trabalhadores, a que Marx se referia como classes trabalhadoras destituídas e classe capitalista proprietária. Neste modelo de sociedade, o conflito se dava em torno de questões de como a distribuição da riqueza poderia se dar de forma desigual e ao mesmo tempo legítima.³

Na sociedade de risco, o problema a ser solucionado é similar e ao mesmo tempo inteiramente distinto. Isso porque a sociedade de risco busca entender como é possível que as ameaças e os riscos sistematicamente coproduzidos no processo tardio de modernização sejam evitados, minimizados, dramatizados, canalizados e, quando vindos à luz sob forma de efeitos colaterais latentes, isolados e redistribuídos de modo tal que

¹ GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. 6.ed. Porto Alegre: Penso, 2012, p.149.

² BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2010, p.23.

³ Idem, p.149.

não comprometam o processo de modernização ou as fronteiras do que é aceitável de maneira social, medicinal ou ecológica.⁴

Com isso, os riscos adquirem uma nova característica: eles não estão vinculados ao lugar onde foram gerados. No início do desenvolvimento industrial, os riscos ficavam restritos ao local onde o desenvolvimento e a degradação ambiental ocorriam: a fábrica e a sociedade local. No atual formato da sociedade e na atual fase do desenvolvimento científico e tecnológico, os riscos ameaçam a vida no planeta. Então, comparados em relação ao âmbito de alcance e possibilidade de devastação, os riscos profissionais dos primórdios da industrialização pertencem a outra era.⁵ Com isso, tem-se que, enquanto o desenvolvimento industrial e suas consequências ocorriam *in loco*, não se afastando ou não gerando consequências que se afastassem demasiadamente ou fossem percebidas do local da produção, na sociedade de risco as consequências adquirem contorno global.

Quando falamos em risco, vêm à mente perigos ou ameaças relacionadas ao que fazemos ou nos abtemos de fazer, de modo isolado. Em uma sociedade de risco, essas questões derivam não tanto do que cada pessoa faz isoladamente, mas do próprio fato de que, por estarem isoladas, suas ações são dispersas e não coordenadas, tornando os resultados e efeitos colaterais imprevisíveis.⁶

O conceito de risco diferencia-se do de perigo. Perigos são calculados sobre situações efetivas, através de conhecimento pretérito e empírico, como catástrofes e desastres naturais. Já os riscos se caracterizam por serem produzidos por ações humanas, diferenciando-se dos desastres puramente naturais. Os riscos possuem uma lesividade exponencialmente maior do que os perigos, já que podem afetar toda a humanidade.⁷

Então, é possível referir-se a riscos externos como sendo perigos que surgem do mundo natural e que não mantêm relação com ações humanas. E riscos fabricados, que são os riscos com que atualmente mais nos deparamos, e que são oriundos do impacto que o conhecimento humano e o avanço da tecnologia sobre o mundo natural. E muitos dos riscos hoje enfrentados são consequências da intervenção humana na natureza.⁸

Temos alguma ideia sobre como satisfazer nossas necessidades, mesmo que os meios para tal satisfação não sejam distribuídos igualmente. Contudo, a necessidade de neutralizar ou reduzir os riscos difere das demais, em razão de que não podemos ver, ouvir, sentir imediatamente ou ter inteira ciência dos riscos a que estamos sujeitos. Isso é facilmente percebido através de exemplos fáticos. Naturalmente, através de nossos sentidos, não vemos, ouvimos, sentimos odor ou tato da crescente

⁴ BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2010, p.24.

⁵ Idem, p.26.

⁶ BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p.181.

⁷ FARIA, Josiane Petry; ROSSATO, Mauricio. Sociedade de risco, câncer e globalização: os planos de assistência à saúde e a proteção jurídica. In: PEREIRA, Agostinho Oli Koppe; HORN, Luiz Fernando Del Rio (org.). *Relações de Consumo: Globalização*. Caxias do Sul: Educs, 2010, p.87-88.

⁸ GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. 6.ed. Porto Alegre: Penso, 2012, p.149.

concentração de dióxido de carbono no ar, ou do aquecimento global, ou mesmo das substâncias químicas ministradas aos animais de cuja carne nos alimentamos e que podem afetar nosso metabolismo.⁹ Permanecemos dependentes da ciência e da tecnologia, pois somente assim conseguimos lidar com alguma segurança e efetividade com os problemas ocasionados pelos riscos.¹⁰

Em sua obra, Beck afirma que ainda não vivemos numa sociedade de risco, mas tampouco vivemos somente em meio a conflitos distributivos de sociedades da escassez. Para ele, desde os anos setenta, a República Federal da Alemanha encontra-se no início da transição de convergência de situações e conflitos sociais de uma sociedade que distribui riquezas e de uma sociedade que distribui riscos.¹¹

Visto que não há uma única concepção correta de risco, não há como fazer com que todos a aceitem. O risco, então, deveria ser entendido como produto conjunto de conhecimento que se tem do futuro e um consenso quanto às perspectivas mais desejadas, possibilitando relativizar os problemas.¹²

Em que pese existirem críticas à teoria da sociedade de risco,¹³ esta proporcionou parte da explicação para a razão pela qual as preocupações do crescente movimento ambientalista encontraram um público receptivo, pois uma vez que as pessoas estejam mais sensibilizadas aos riscos, os argumentos ambientalistas passam a ser mais aceitáveis.¹⁴

E parte dos riscos ambientais criados e discutidos atualmente são oriundos do consumismo adotado pelas sociedades mais ricas e que muitas vezes são tidos como parâmetro de comportamento pelas demais sociedades.

3 CONSUMO E CONSUMISMO

O homem consome desde seus primeiros passos na Terra. É impossível a sobrevivência humana sem o consumo. O consumo refere-se a bens, serviços, energia e recursos que pessoas individualmente e a sociedade como um todo utilizam. A principal questão é a de que o consumo atingiu novas proporções na sociedade atual, que pode ser descrita como uma sociedade de consumo.

O consumo deixa de ser algo necessário para satisfazer as necessidades básicas do ser humano, passando a ser consumismo e motor propulsor do desenvolvimento

⁹ BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p.184.

¹⁰ GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. 6.ed. Porto Alegre: Penso, 2012, p.149.

¹¹ BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2010, p.25.

¹² DOUGLAS, Mary; WILDAVSKY, Aaron. *Risco e cultura: um ensaio sobre a seleção de riscos tecnológicos e ambientais*. Trad. Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p.5.

¹³ Algumas das críticas são pontuais ao afirmar que ainda não existem evidências para sustentar a transição para uma sociedade de risco. Outras se centram na questão de que a teoria de Beck não leva em consideração o caráter cultural da definição de risco, pois o que pode ser considerado risco em uma sociedade, pode não o ser em outra.

¹⁴ GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. 6.ed. Porto Alegre: Penso, 2012, p.149.

tecnológico e econômico da atual sociedade. Com isso, quer-se demonstrar que consumo e consumismo são termos e conceitos diversos, e que o segundo traz consequências nefastas para o planeta, dentre elas parte dos riscos ambientais da atualidade.

O ponto central de mudança do consumo para o consumismo ocorreu com a chamada “revolução consumista”, quando o consumismo tornou-se o propósito da existência humana e quando nossa capacidade de querer, desejar, ansiar e experimentar essas emoções repetidas vezes passou a sustentar a economia.¹⁵

A economia centrada no consumidor, para sustentar-se, baseia-se no excesso de ofertas e no envelhecimento cada vez mais acelerado do que se oferece e da fácil dissipação do seu poder de transição, aliados à produção contínua de novas ofertas e o crescente volume de bens oferecidos, mantendo a velocidade de circulação e reacender o desejo de substituir os bens por outros novos e melhorados.¹⁶

A revolução consumista baseia-se no desejo dos seres humanos enquanto consumidores. Segundo Baumann, o mercado de consumo seduz os consumidores, mas, para fazê-lo, precisa de consumidores que queiram ser seduzidos. Então, em uma sociedade de consumo que funcione de forma adequada, os consumidores buscam com todo empenho ser seduzidos.¹⁷

Então, segundo Bauman:¹⁸

Os impulsos sedutores, para serem eficazes, devem ser transmitidos em todas as direções e dirigidos indiscriminadamente a todos aqueles que os ouvirão. No entanto, existem mais daqueles que podem ouvi-los do que daqueles que podem reagir do modo como a mensagem sedutora tinha em mira fazer aparecer. Os que não podem agir em conformidade com os desejos induzidos dessa forma são diariamente regalados com o deslumbre espetáculo dos que podem fazê-lo. O consumo abundante, é-lhes dito e mostrado, é a marca do sucesso e a estrada que conduz diretamente ao aplauso público e à fama. Eles também aprendem que possuir e consumir determinados objetos, e adotar certos estilos de vida, é a condição necessária para a felicidade, talvez até para a dignidade humana.

Se o consumo é a medida de uma vida bem-sucedida, da felicidade e mesmo da decência humana, então foi retirada a tampa dos desejos humanos: nenhuma quantidade de aquisições e sensações emocionantes tem qualquer probabilidade de trazer satisfação da maneira como o ‘manter-se ao nível dos padrões’ outrora prometeu: não há padrões a cujo nível se manter – a linha de chegada avança junto com o corredor, e as metas permanecem continuamente distantes, enquanto se tenta alcançá-las.

¹⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.38-39.

¹⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Capitalismo parasitário*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p.35-36.

¹⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p.92.

¹⁸ BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.54-55.

Com isso, temos que o consumismo explora ao máximo as sensações e a satisfação do consumidor, e que constitui um eterno círculo: quando o consumidor pensa ter atingido a plena satisfação, esta lhe é rapidamente retirada, alimentando novamente todo o ciclo produtivo.

A sociedade de consumo trabalha sobre a fórmula circular de insatisfação, compra/consumo/felicidade, descartabilidade imediata do bem, insatisfação, recompra e assim por diante. Com isso, o indivíduo crê, ingenuamente, que satisfaz todas suas necessidades e desejos com a compra de um novo produto para, no momento seguinte, de frustração/insatisfação, descartá-lo.¹⁹ E, influenciado pelo mercado e a mídia, atuando em conjunto, busca um novo produto, agora com renovada esperança de satisfação.

Para Bauman²⁰, o consumismo

[...] é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, ‘neutros quanto ao regime’, transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de autoidentificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais. O ‘consumismo’ chega quando o consumo assume o papel-chave que na sociedade de produtores era exercido pelo trabalho. Como insiste Mary Douglas, ‘a menos que saibamos por que as pessoas precisam de bens de luxo [ou seja, bens que excedem as necessidades de sobrevivência] e como os utilizam, não estaremos nem perto de considerar com seriedade os problemas da desigualdade.

Então, o consumo é uma característica dos seres humanos enquanto indivíduos, e o consumismo é um atributo da sociedade.²¹ E os objetos de luxo são um dos exemplos mais emblemáticos dessa cultura consumista, pois destoam da questão de que os bens de consumo possuem valor de uso para as pessoas, ajudando-as a economizar tempo e esforço. Os objetos de luxo têm seu papel na competição por *status* social na sociedade, e que, em razão de seu valor social, são descartados e rapidamente substituídos por outros, mesmo que seu valor de uso não tenha expirado.²²

¹⁹ PEREIRA, Agostinho Oli Koppe; PEREIRA, Mariana Mioranza Koppe; CASTRO, Morgana Franciéle Marques de. Energia, sustentabilidade ambiental e consumismo frente à globalização. In: PEREIRA, Agostinho Oli Koppe; HORN; Luiz Fernando Del Rio (org.). *Relações de Consumo: Globalização*. Caxias do Sul: Educus, 2010, p. 18

²⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.41.

²¹ BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.41.

²² GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. 6.ed. Porto Alegre: Penso, 2012, p.145.

Outra característica do consumismo é o descarte, que prevê a constante troca de objetos, tanto de coisas como de pessoas.²³ E não pode ser visto como algo sem consequências. O consumismo desenfreado gerou uma quantidade nunca antes vista de resíduos poluentes e de degradação ambiental, prejudicando a base de recursos ambientais.

Com isso, o ser humano e a sociedade começam a perceber que suas atitudes geram consequências e que estas podem ser danosas, além dos próprios limites de suas atitudes. Um destes limites é a própria esgotabilidade dos recursos naturais. E uma das principais consequências do consumismo é a degradação ambiental e a geração de riscos ambientais.

No próximo item será trabalhada a relação entre a sociedade de risco, o consumismo como uma das características da modernidade e as consequências que esse consumismo geram no meio ambiente, e os riscos ambientais presentes nestes comportamentos sociais.

4 CONSUMISMO COMO FATOR DE RISCOS AMBIENTAIS

Como já visto, o consumo é algo necessário ao ser humano, e refere-se a bens, serviços, energia e recursos que as pessoas individualmente e a sociedade como um todo utilizam.

Há riscos que todos nós poderemos enfrentar, como guerra nuclear ou catástrofe ecológica.²⁴ Um dos fatores responsáveis por uma possível catástrofe ecológica é o consumismo, em razão do impacto de suas consequências no meio ambiente.

Este é o impacto negativo dos atuais padrões de consumo. Enquanto que o aumento de níveis de consumo pode significar pessoas vivendo em melhores condições de que no passado, ou um maior desenvolvimento econômico devido ao aumento da disponibilidade de comida, roupas, objetos etc., também pode exacerbar padrões de desigualdade, pois este desenvolvimento se dá apenas em algumas sociedades, e, mesmo dentro dessas, apenas em algumas classes, além de significar uma maior exigência de recursos ambientais.²⁵

A produção em massa, originária do capitalismo industrial, deve ser acompanhada de um consumo em larga escala, já que os produtos devem ser comprados e consumidos mesmo que a produção e o consumo possam ocorrer em regiões distantes. Esse ciclo

²³ PEREIRA, Henrique Mioranza Koppe; BOSSARDI, Rafaela Beal. Relações de consumo ou consumo de relações: as relações afetivas na contemporaneidade. In: PEREIRA, Agostinho Oli Koppe; HORN, Luiz Fernando Del Rio. *Relações de Consumo: humanismo*. Caxias do Sul: Educs, 2011, p.112.

²⁴ GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991, p.43.

²⁵ GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. 6.ed. Porto Alegre: Penso, 2012, p.144.

da produção leva à degradação ambiental, já que utiliza recursos naturais em ritmo acelerado e gera níveis elevados de poluição e resíduos.²⁶

O raciocínio é simples: o consumo gera consequências na natureza em razão de que é dela que retira os elementos necessários à sua sobrevivência.

O consumo, como visto, adquire novos contornos nos padrões atuais, passando a ser visto como consumismo. Se no consumo há um certo impacto ambiental, no consumismo esse impacto é potencializado, em razão de que há uma demanda excessiva por recursos naturais, para sua posterior transformação em bens de consumo e posterior descarte. E, seguindo a mesma cadeia, quanto maior é o consumismo da sociedade, maior é a geração de resíduos, seja pela quantidade de bens consumidos, seja pelo rápido descarte desses bens em razão da cultura consumista.

Essa relação está atrelada a algumas características da sociedade contemporânea, que alimenta o anseio pelas novidades, ao mesmo tempo que leva ao descarte de produtos em curto prazo, alimentando a roda do consumismo.²⁷

A economia consumista se alimenta do movimento das mercadorias, e é considerada tão eficaz quanto mais rápido o dinheiro mudar de mãos. Sempre que isso acontece, alguns produtos de consumo estão sendo descartados para o lixo. Com isso, numa sociedade de consumidores, a busca da felicidade invocada em campanhas de marketing tende a ser redirecionada do fazer coisas, ou de sua apropriação, para a sua remoção, fazendo a economia girar em razão da compra de novos produtos substitutivos dos removidos.²⁸

E também na obtenção desenfreada de recursos na natureza, para a produção de novos produtos a serem postos no mercado de consumo, e seu consequente (e breve) descarte, gerando uma quantidade imensurável de resíduos. Vivemos numa sociedade de consumo e de desperdício, que gera riscos ambientais que muitas vezes sequer são anunciados ou percebidos dentro do ciclo consumista.

Com isso, pode-se afirmar que no consumismo há uma dupla degradação ambiental: ao mesmo tempo em que se retiram recursos naturais, desestabilizando o meio ambiente para a produção de bens de consumo, posteriormente e cada vez mais rapidamente estes bens são jogados fora como resíduos e/ou rejeitos, sendo que muitas vezes sequer deveriam ser classificados como tais, visto que ainda próprios para consumo.

Então, consumo que se presta a assegurar a sobrevivência e uma vida digna ao consumidor acaba, em um momento posterior, por afetar negativamente a vida que

²⁶ Idem, p.145.

²⁷ HORN, Luiz Fernando Del Rio; VERGANI, Vanessa. *O consumismo como o lado perverso do consumo: principais malefícios à sociedade contemporânea*. In: PEREIRA, Agostinho Oli Koppe; HORN, Luiz Fernando Del Rio (org.). *Relações de Consumo: consumismo*. Caxias do Sul: EDUCS, 2010, p.153.

²⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.52-53.

antes era desejada.²⁹ Essa afetação negativa pode assumir múltiplas facetas, e a que se aborda neste artigo é o aumento dos riscos gerados por esse processo consumista.

5 CONCLUSÃO

A sociedade atual pode ser descrita como uma sociedade consumista, ou mesmo uma sociedade de riscos. Grande parte dos riscos deriva justamente da revolução consumista, quando o ser humano passou a consumir mais do que o necessário para sua sobrevivência, e como consequência passou a demandar maior desenvolvimento tecnológico e científico para a produção de novos produtos que satisfaçam seus anseios e desejos, cada vez mais acelerados e muitas vezes banais.

Juntamente com o consumo desenfreado, vieram os riscos originados deste sistema, como a exploração do meio ambiente na busca de recursos para alimentar a cadeia produtiva, bem como a poluição inerente ao próprio processo industrial e a geração de resíduos oriundos desta sociedade de consumo. Quanto mais se consome, mais recursos naturais são extraídos, mais poluição e resíduos são gerados.

O atual sistema social, consumista e imediatista, que busca insaciavelmente o prazer imediato e não duradouro, é um dos desencadeadores de riscos ambientais. E ninguém está a salvo dos riscos gerados, já que estes atingem a todos, estejam em nações ricas ou pobres, ou em nações que respeitam regras ambientais ou não. Uma das características da sociedade de risco é a possibilidade de danos catastróficos que se afastam do local de sua geração, atingindo pessoas que geograficamente encontram-se afastadas do local do evento.

Embora vejamos que alguns (especialmente os mais pobres) sofram com mais intensidade os riscos gerados pela sociedade atual, não se pode olvidar que até mesmo os mais ricos também sofram os efeitos destes riscos, mesmo que inicialmente em menor intensidade.

O consumismo contemporâneo é um dos desencadeadores destes riscos que assolam o planeta. O homem necessita consumir para sobreviver. Contudo, o consumo perde suas características iniciais, passando a ser tratado como consumismo em razão dos novos contornos que adquire, pois se consome não para sobreviver ou em razão do valor de uso que os bens possuem, mas sim como modo de representar um *status* na sociedade, ou como um elemento de prazer insaciável, onde se busca consumir cada vez mais.

E quando este modelo é adotado como parâmetro mundial, os riscos multiplicam-se. Como dito, na produção de bens e produtos, é necessária uma enorme quantidade de recursos naturais. Do outro lado, produtos em perfeitas condições de uso são descartados cada vez mais rapidamente, seja porque não estão mais “na moda”, seja porque já não

²⁹ LEMOS, Patrícia Faga Iglecias. *Resíduos sólidos e responsabilidade civil pós-consumo*. 2.ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2012, p.25.

mais conferem o *status* almejado ao seu usuário. Com isso, a degradação ambiental atinge níveis jamais vistos na história humana, oriunda do atual modelo.

Dessa forma, é necessário repensar o consumo e as consequências que sua potencialização podem causar ao meio ambiente, ao ser humano como indivíduo e à sociedade, pois colocam em risco a própria sobrevivência humana no planeta.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- _____. *Capitalismo parasitário*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- _____. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DOUGLAS, Mary; WILDAVSKY, Aaron. *Risco e cultura: um ensaio sobre a seleção de riscos tecnológicos e ambientais*. Trad. Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- FARIA, Josiane Petry; ROSSATO, Mauricio. Sociedade de risco, câncer e globalização: os planos de assistência à saúde e a proteção jurídica. In: PEREIRA, Agostinho Oli Koppe; HORN, Luiz Fernando Del Rio (org.). *Relações de Consumo: Globalização*. Caxias do Sul: Educs, 2010.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- _____. *Sociologia*. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. 6.ed. Porto Alegre: Penso, 2012.
- HORN, Luiz Fernando Del Rio; VERGANI, Vanessa. *O consumismo como o lado perverso do consumo: principais malefícios à sociedade contemporânea*. In: PEREIRA, Agostinho Oli Koppe; HORN, Luiz Fernando Del Rio (org.). *Relações de Consumo: consumismo*. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.
- LEMONS, Patrícia Faga Iglecias. *Resíduos sólidos e responsabilidade civil pós-consumo*. 2.ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2012.
- PEREIRA, Agostinho Oli Koppe; PEREIRA, Mariana Mioranza Koppe; CASTRO, Morgana Franciéle Marques de. Energia, sustentabilidade ambiental e consumismo frente à globalização. In: PEREIRA, Agostinho Oli Koppe; HORN, Luiz Fernando Del Rio (org.). *Relações de Consumo: Globalização*. Caxias do Sul: Educs, 2010.
- PEREIRA, Henrique Mioranza Koppe; BOSSARDI, Rafaela Beal. Relações de consumo ou consumo de relações: as relações afetivas na contemporaneidade. In: PEREIRA, Agostinho Oli Koppe; HORN, Luiz Fernando Del Rio. *Relações de Consumo: humanismo*. Caxias do Sul: Educs, 2011.